

Imprensa ilustrada, intelectuais e projeto nacional: esboço prosopográfico dos colaboradores da revista *Ilustração Brasileira* (1935-1945)

BÁRBARA FERREIRA FERNANDES*

DANIELA DE MIRANDA DOS SANTOS*

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada no âmbito do projeto *Cultura Histórica em revista: vendo o passado na Ilustração Brasileira (1935-1945)*. O projeto como um todo tem por propósito investigar a divulgação e visualização do passado nacional durante o Estado Novo no Brasil (1937-1945). A fonte privilegiada é a revista *Ilustração Brasileira*, publicada pela empresa O Malho, em sua terceira fase inaugurada em 1935. Percebe-se na revista a constante preocupação em representar o passado nacional recorrendo à combinação dos textos às imagens as mais variadas – fotografias, pinturas históricas, etc. Pode-se inferir, portanto, uma confluência entre aquele projeto editorial e os usos do passado que fundamentavam o projeto nacional gestado durante o Estado Novo.

A identificação e análise das trajetórias dos intelectuais que colaboravam ou foram publicados na revista constitui um elemento importante da pesquisa em curso. Estudamos, portanto, a revista *Ilustração Brasileira* durante o período de 1935 a 1945, a fim de identificar os autores que colaboraram em suas edições. A intenção era construir uma prosopografia dos colaboradores da revista no período recortado. O que agora apresentamos são os resultados preliminares, um esboço do quadro prosopográfico dos colaboradores da revista. Essa constitui uma etapa importante da pesquisa porque a partir dela poderemos selecionar os autores que escreviam sobre a história nacional nas páginas da *Ilustração Brasileira*, permitirá igualmente avaliar o peso das matérias de caráter histórico na revista durante o Estado Novo e a confluência entre o discurso sobre o passado nacional produzido pelo regime e aquele veiculado pela revista e seus colaboradores.

* Bárbara Ferreira Fernandes, graduanda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista do programa BIC\UFJF e sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Santos de Abreu.

*Daniela de Miranda dos Santos, graduanda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista do programa Instalação de Doutores\UFJF e sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Santos de Abreu.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira, tratamos da importância dos intelectuais para a composição de um projeto nacional no período republicano. Na segunda parte, definimos o método prosopográfico e sua utilidade para a delimitação do grupo que colabora na revista, apresentando o perfil geral dos colaboradores. Em caráter conclusivo, a terceira parte apresenta uma avaliação da relevância do método prosopográfico para o estudo dos intelectuais e seu engajamento num projeto editorial que se confundia com a pedagogia do cidadão desenvolvida durante o Estado Novo.

Os intelectuais: posição e participação na pedagogia da nacionalidade

Durante meados do século XIX boa parte dos intelectuais no Império brasileiro desejava remodelar a nação, modernizando sua estrutura social e política. A reforma do Estado com a instauração da República, portanto, passou a ser uma saída desejável por parte da intelectualidade. Aquela forma de governo era considerada capaz de realizar os sonhos e solucionar os problemas existentes. Porém, implantada e consolidada a República nos primeiros anos, as ilusões destes homens foram abaladas, uma vez que foram excluídos e desprestigiados neste período. A partir disso, formularam uma nova imagem da República e passaram a criticar o novo regime. Os intelectuais se sentiam rejeitados e desprezados. Muitos se mostraram indignados com a situação dos homens de letras no país. Parte deles não tinha condições de sobreviver apenas de seus escritos e por isso tinham que recorrer ao exercício de outros ofícios, pois havia uma precária estrutura de produção, circulação e consumo literário.

A cidade do Rio de Janeiro, capital do país, foi o palco principal de todos esses acontecimentos e mudanças. Era o local onde havia maior espaço e emprego para os homens de letras, e essa sua posição de destaque se tornou intensa de forma decisiva com a inauguração da Academia Brasileira de Letras em 1897. A cidade era alvo de grandes pretensões e proporcionava oportunidades de atuações aos intelectuais, sobretudo na imprensa. Houve a ampliação e aprimoramento de técnicas de impressão e edição, que permitiram a diminuição dos custos da imprensa, abrindo campo e trazendo a tona um “novo jornalismo” (SEVCENKO, 1983:94). O jornalismo diário e as revistas ilustradas, que são produtos mais requintados, tornaram-se itens de consumo da nova burguesia urbana. Dessa

forma, o jornalismo foi absorvendo os intelectuais, fazendo assim com que os literatos se dedicassem cada vez mais a essa atividade. Essa era uma forma que eles, desligados da elite social, econômica e política, tinham de integrar-se à vida pública. Esse foi um dos caminhos pelos quais conseguiram se inserir em empregos públicos e alcançar as portas da política e da diplomacia (MICELI, 1979).

O crescimento da imprensa e da participação dos intelectuais na cena pública coincidia, desde a proclamação da República no Brasil, com a necessária construção e consolidação de uma cultura política. Os homens de letras encarregaram-se e foram encarregados de pensar a República e a formulação de uma educação cívico-patriótica adequada ao novo regime político que supunha a participação cidadã. Havia um grupo, portanto, que atentava para a escrita da história e a forma como ela deveria ser ensinada nas escolas. Emerge, então, dessa forma uma “pedagogia da nacionalidade” (GOMES, 1996: 88). Caberia aos intelectuais se empenharem na criação de um passado histórico para o país, que fosse ensinado através de meios acessíveis para alcançar boa parte das pessoas. Havia, portanto, claramente a intenção de criar um saber próprio sobre o Brasil, embasada no cientificismo, pois de acordo com a mentalidade do século XX, uma ciência sobre o Brasil era uma maneira de garantir uma gestão competente, capaz de dar legitimidade ao poder e, ao mesmo tempo, modernizar a nação.

A revista *Ilustração Brasileira*, assim como a imprensa de modo geral, contribui nesse processo. Ao estudá-la, notamos como as imagens eram utilizadas nesse empenho de difundir a história além dos círculos de produção existentes no Brasil a partir do século XIX. Isso era possível, pois o uso das imagens tornava-se cada vez mais recorrente através de pinturas, monumentos, propaganda, cinema. Em poucas palavras, o universo das imagens toma conta da cultura das populações urbanas no momento da modernidade. Pode-se dizer, portanto, que dessa forma a revista era utilizada como um meio de afirmar os sentidos de pertencimento à Nação, conformando um projeto editorial de caráter cívico-pedagógico.

A adesão de escritores renomados e jovens talentos ao projeto da revista explica-se pelo clima da época, especialmente a nova postura dos intelectuais frente aos problemas nacionais desde os anos 1920. Por exemplo, os letrados passaram a participar “em especial nos anos de 1920, na administração dos estados, de medidas reformadoras no campo da

educação, especialmente após a formação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924” (GOMES, 1996: 89). Dessa forma, emergem relativamente do afastamento em relação à política, que havia sido criado em meados do século XIX e consolidado no início da República. No início da década de 1930, as condições para esse engajamento se intensificam. Por exemplo, segundo Sérgio Miceli, houve uma abertura para fundações de novos estabelecimentos de ensino jurídico – a forma mais tradicional de formação que era um monopólio do poder público. Com essa medida, houve uma disseminação de escolas superiores, criadas por particulares e corporações religiosas. Este panorama gerou efeitos para o mercado de diplomas superiores, ampliando a valorização do título universitário e trazendo maior concorrência entre os graduados. Em consequência, os bacharéis passaram a aderir à empreendimentos políticos e ocupavam um papel de destaque na formulação desses projetos, integrando-se a grupos organizados na imprensa ou ocupando postos nos serviços públicos (MICELI, 1979). Movimento que se ampliaria desde a Revolução de 1930.

Getúlio Vargas em seu governo, através de sua política cultural, criou órgãos com a admissão de intelectuais na direção. Essas medidas de inserção foram implementadas, pois este era o grupo considerado apropriado para amparar o Brasil na empreitada da modernização. Particularmente, os intelectuais eram habilitados a recorrer ao passado e reescreve-lo como canal para a produção de um sentimento nacional no país. A educação também nesse momento era vista como uma forma de transformar comportamentos, valores da sociedade e criar uma nova mentalidade. Dessa forma, a escola tornou-se o lugar essencial para a realização dessa tarefa. A preocupação com a educação, com claro sentido político, desde a Primeira República ocupava lugar de destaque no país, havendo realizações de novas formas de ensinar, com lições de moral e civismo e também com a exploração da imaginação infantil, utilizando a fantasia, o sobrenatural e tradições do país. O estudo da língua, geografia e história pátria alcançou maior importância. Era recorrente a busca pelo valor do povo, seus costumes e também de importantes personagens históricos, havendo a introdução da biografia de homens célebres como uma estratégia pedagógica.

Com a solidificação do Estado Novo, por sua vez, impunha-se mais uma vez a necessidade de convencimento e aceitação da população, bem como criação e manutenção de um sentimento de identidade nacional adaptado ao novo regime. Para isso, o governo buscou

investir em medidas estratégicas no campo político, cultural e educacional, utilizando a manipulação da imprensa, a exemplo da revista *Ilustração Brasileira*, e mais uma vez, o passado como forma de dar base ao Estado Nacional. Para isso, o papel dos intelectuais era primordial.

Definição e processo do trabalho prosopográfico

Com a intenção de analisar os usos do passado como alicerce para a pedagogia da nacionalidade na revista *Ilustração Brasileira*, é necessário conhecer e traçar um perfil dos autores que contribuíram na revista. O método utilizado para isso foi a prosopografia, que pode ser definida em poucas palavras como uma espécie de biografia coletiva. Esse método permite reunir informações biográficas de um determinado grupo de atores históricos que apresentam pontos em comum para traçar um balanço que revele uma trajetória coletiva, a participação em um empreendimento comum. No caso específico deste trabalho, o ponto em comum inicial do grupo, o que define, em termos prosopográficos, a população pesquisada é o fato de publicarem na revista.

O objetivo da prosopografia, afinal, é obter informações coletivas através de análises singulares. Dessa forma, ela permite evidenciar um indivíduo para enfatizar o coletivo. É importante salientar, no entanto, que o método prosopográfico tem suas limitações, pois permite apenas o estudo de indivíduos que são bem documentados. Além disso, deixa de lado o qualitativo e o individual em prol do quantitativo e do plural (ROY e SAINT PIERRE, 2006: 205). Elaborar uma prosopografia implica, assim, o cumprimento de algumas etapas. O primeiro passo consiste em preparar uma lista geral dos indivíduos que compõem o grupo estudado. No caso deste trabalho, foi feito um levantamento de todos os autores publicados na *Ilustração Brasileira* no período de 1935 a 1945.

A segunda tarefa é consultar fontes para obter informações sobre a biografia de cada um desses indivíduos, destacando momentos relevantes de sua vida. Seguindo esse critério, foi organizada, então, uma lista biográfica através da qual fosse possível adquirir dados a respeito da trajetória dos colaboradores da revista. A partir disso, pesquisamos, em diversos dicionários biográficos, a vida de cada um desses autores. Estas informações foram

sistematizadas em uma planilha Excel que continha os seguintes campos: nome dos autores, nascimento\morte, filiação, formação escolar primária e secundária, formação escolar superior, profissão, academias\institutos e associações, trajetória profissional, trajetória política e obras publicadas.

A análise comparativa do conjunto dessas biografias consiste na terceira etapa, que tem como propósito colocar em evidência questões em comum e peculiaridades, para no final estabelecer um parâmetro geral a respeito desse grupo. Essa atividade possibilita traçar o perfil desses autores, segundo parâmetros relativos ao pertencimento a uma geração, origem regional, formação escolar, trajetória profissional e política, participação em academias e institutos.

A revista *Ilustração Brasileira* durante o período de 1935 a 1945, conta com aproximadamente 400 autores publicados. Porém, a partir das pesquisas nos dicionários biográficos, foram localizados apenas 151 intelectuais. Dentre eles, foi feita uma divisão entre aqueles que eram colaboradores, ou seja, autores vivos que escrevem para a revista frequente ou esporadicamente, e entre os que foram citados, que são autores já mortos ou consagrados que são publicados na revista. Neste último grupo foi totalizado um número de 42 pessoas, enquanto no primeiro, 109. Estes últimos constituíram o foco deste trabalho.

Desses homens, 54 nasceram ainda no período do Império entre as décadas de 1840 a 1880, e 59 no período Republicano, entre os anos de 1890 a 1920. Com relação a origem de nascimento desses colaboradores, a maioria vinha do sudeste e nordeste. Foram encontrados também quatro homens que vieram de outros países: Alemanha e Portugal.

Quadro 1: Década de nascimento/Origem regional

	Sudeste	Nordeste	Sul	Norte	Centro-Oeste	Outros	S/Inf.	Total
1840			1					1
1850	1					1		2
1860	3	2	1					6
1870	4	5	2			1	1	13

1880	14	13	3	1	1			32
1890	17	6	2	1		1	1	28
1900	12	5	1	1				19
1910	2	3	1					6
1920		1				1		2
Total	53	35	11	3	1	4	2	109

Grande parte desses intelectuais do período pertencia a uma mesma geração, pois eram homens das letras que tinham como vivências em comum a eleição do tema da identidade nacional como objeto a ser construído e tinham como dever modernizar a sociedade brasileira. Eles eram nacionalistas e se empenhavam em produzir um saber próprio para o país. A noção de geração utilizada neste trabalho foi a adotada pela historiadora Ângela de Castro Gomes. Para ela, a noção de geração encontra-se na junção de memória e história, considerando a memória comum a um conjunto de homens, que não necessariamente tem a mesma idade, isto é, o que e como um grupo experimentou certo tempo em vez de um corte cronológico. Isso faz com que um evento fundador, reconhecido por vezes por homens de idades mais ou menos diversas, seja mais importante do que o momento de nascimento na definição de uma geração. Logo, mais uma vez, não é apenas o fator cronológico que define esse conceito. Homens de uma mesma faixa etária, e que, portanto, viveram numa mesma conjuntura, podem ter fatos marcantes diferentes. Levando isso em consideração, este conceito de geração releva vínculos pessoais e profissionais, que apontam na memória acontecimentos marcantes em comum. (GOMES, 1999: 40)

Observando a trajetória de vida e profissional dos intelectuais que contribuíram na Revista *Ilustração Brasileira*, nota-se que, a maioria dos autores são bem nascidos e vêm, principalmente, do Nordeste e Sudeste. No decorrer de sua vivência, deslocam-se para o Rio de Janeiro, que seria o centro da “vida intelectual” no período. Apenas quatro desses atores são caracterizados como professores, porém, como foi observado a respeito de sua preocupação com a educação nacional, a maioria dos pesquisados engajou-se no magistério em algum momento de sua vida. O mesmo acontece em relação ao jornalismo, no qual

somente sete são classificados como jornalistas, contudo, como pode ser notado, todos participaram de periódicos. A presença desses homens nos jornais se devia ao fato de que esses locais eram um grande meio de difusão de ideias, constituindo uma importante forma de ascensão social e proporcionando uma respeitável fonte de renda, visto que a publicação de livros nesse período não era ampla. É frequente que esses jornalistas escrevessem em jornais de diversas cidades e constituíssem assim, uma trajetória intelectual e social. Porém, é notável o fato de que nem todos colaboravam constantemente para periódico. Apenas cinquenta e três tinham como característica o periodismo diário.

Os escritores analisados na pesquisa, de um modo geral, eram reconhecidos pela comunidade intelectual, o que pode ser observado a partir da constância deles em institutos como o IHGB e ABL, assim como em academias de letras e institutos regionais, que eram lugares de sociabilidade que possuíam destaque. Dezoito deles faziam parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e 40 da Academia Brasileira de Letras, sendo que três ingressaram após 1945. Os intelectuais estudados também estão presentes em sociedades científicas, institutos e academias letradas internacionais. Do ponto de vista dos gêneros textuais praticados, vale ressaltar que nesse período os intelectuais eram, como observa Ângela de Castro Gomes polígrafos, ou seja, eram poetas, cronistas, críticos, ensaístas. (GOMES, 2009: 25) O que revela um traço de continuidade com a atividade intelectual nos períodos históricos anteriores, uma vez que estávamos longe de qualquer especialização acadêmica realizada no âmbito das universidades que então nasciam. É preciso observar ainda que não se pode dissociar a carreira de escritor da trajetória política ou administrativa desses atores: há registros de que 54 dos homens de letras que escreviam para a revista participaram da administração estatal ou tiveram uma trajetória política, como deputados, embaixadores e ministros, o que comprova a participação dos intelectuais no governo, a partir, sobretudo, dos anos 1930.

Outro aspecto do grupo e seu relativo cosmopolitismo. Observando as trajetórias de vida desses atores, é possível notar que grande parte deles foi à Europa, seja somente de passagem ou em alguns casos, com residência mais prolongada. Essa ressalva comprova a afirmação de Sevcenko de que eles se voltavam para o Velho Continente, como meio de absorver ideias para modernizar a sociedade. (SEVCENKO, 1983: 78)

Conclusão: a importância do método prosopográfico

A partir da pesquisa realizada, dos dados coletados e das leituras que foram feitas, é possível concluir e perceber a importância do método prosopográfico para o estudo dos intelectuais e também a sua participação na imprensa. Como dito anteriormente, a prosopografia tem como objetivo traçar e apreender o perfil de determinados atores. Ao selecionar um grupo específico para a realização do método, o objetivo é analisar o perfil de conjunto, perceber as redes formadas, os espaços de sociabilidade, a geração e principalmente seu engajamento e posições políticas. Essas noções são fundamentais quando nos dedicamos ao estudo dos intelectuais, sendo estes pontos favoráveis da prosopografia neste tipo de trabalho. Seguindo a ideia de Ângela de Castro Gomes, ao associarmos as noções de sociabilidade e de geração temos a possibilidade de chegar a uma interessante conclusão em relação ao conjunto de autores. (GOMES,1999: 41)

A prosopografia é um método que facilita a visualização do todo, portanto, ao utilizá-lo nos estudos de intelectuais pode-se perceber quem eram as pessoas que escreviam e frequentavam este círculo em um determinado momento, sua formação acadêmica, participação política, condição social e até mesmo sua importância para a área no período, observando sua participação em academias e institutos, por exemplo.

Torna-se necessário fazer o levantamento do que era escrito por esses atores no decorrer de suas carreiras, pois é fundamental perceber como e o que esses intelectuais estavam produzindo. O perfil de conjunto é fundamental para concluirmos o modo, muitas vezes semelhante, como os autores em questão compreendiam a conjuntura do país e do momento em que estavam vivendo.

Na pesquisa realizada, a importância da utilização da prosopografia está no fato de que com ela é possível conhecer a geração empenhada em construir uma nação para o Brasil. Geração esta que adota como dever modernizar a sociedade, que participa da imprensa, da política e que se utilizam da escrita e da história como mecanismos para criar na sociedade um sentimento de pertencimento à Nação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marcelo Santos de. *Memória à quente: cultura histórica, literatura e testemunho da Revolução Constitucionalista de 1932 (1932-1937)*. In: RAMOS, Francisco Regis Lopes; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. (Org.). *Cultura e Memória; os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Nudoc, 2011, p. 117-137.
- CHARLE, Christoph. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. HEINZ, Flavio (org.). *Por uma história das elites*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2006. p. 41-53;
- CHARLE, Christoph. Como anda a história das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. HEINZ, Flavio (org.). *Por uma história das elites*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2006. p. 19-39;
- GOMES, Angela de Castro. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores; a política cultural do Estado Novo*. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Ed.FGV, 1999.
- LALOUETTE, Jacqueline. Do exemplo à série: história da prosopografia. In: HEINZ, Flavio (org.). *Por uma história das elites*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2006. p. 55-74;
- MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1935)*. São Paulo: Difel, 1979.
- ROY, Fernand e SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flavio (org.). *Por uma história das elites*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2006. p. 203-222.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Geanne Paula de Oliveira. *A revista e a propaganda; o projeto político-cultural do Estado Novo nas páginas da Ilustração Brasileira*. Uberlândia, INHIS/UFU, 2011. (Mestrado em História Social).

SIRINELLI, Jean-François. *A geração*. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2000. p. 131-137.

DICIONÁRIOS BIOGRÁFICOS

BRINCHES, Victor. *Dicionário biobibliográfico luso-brasileiro*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1965.

COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Global editora; Rio de Janeiro: FBN e ABL, 2001.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: INL-Saraiva, 1969.